

## MIMNERMO E SEMÔNIDES — ELEGIAS

Nota Introdutória de GILDA NAECIA MACIEL DE BARROS

Recriação poética de ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS

É impossível chegarmos a uma definição do homem perguntando-nos pela natureza dele, mas podemos obter um acordo satisfatório nesta matéria a partir do exame de seu trabalho, de sua marca fundamental, a cultura.

A cultura é a permanência histórica do humano. Particularmente, vemos-na como um interminável e aleatório processo pedagógico pelo qual o homem cria e recria as próprias feições, num exercício nunca acabado de busca de si próprio. É uma das mais delicadas e preciosas de suas produções é a arte, em especial a poesia, este universo cujo sentido primordial é a pura forma, e onde as palavras representam já um acréscimo de significados. Seu tema e linguagem, como os temas e a linguagem de toda criação artística, são universais. Falam do homem e pelo homem e por isso sobreviveram ao episódico para constituir o patrimônio da humanidade. Aqui, voltamo-nos para a cultura grega, matriz espiritual de nossa civilização, para admirar-lhe a poesia lírica. É bem verdade que muito maior força se poderia ver e apreciar no teatro trágico, mas uma e outro mostram a sensibilidade do povo grego no captar a condição do homem, sua grandeza e limitação. Uma e outro nos falam do irracional que define a existência, do desencontro entre o ilimitado querer humano e a impotência da ação, das incertezas do amanhã e das perplexidades alimentadas pelas injustiças da vida. No contexto desta problemática, cada poeta sentencia a seu estilo, definindo-se ora pela recomendação délfica do 'nada em excesso', ora pelo desfrute dos prazeres, em compensação da velhice e da morte que certamente vêm para todos.

Seguem abaixo três elegias gregas, na recriação muito feliz de Roque Spencer Maciel de Barros. Um dos autores é Mimnermo, o poeta de Cólofon, mas nascido, segundo uma tradição, em Esmirna. Mimnermo é um dos mais antigos elegiacos gregos conhecidos, podendo ser datado da segunda metade do século VII aproximadamente. O outro autor é Semônides, o poeta de Amorgos, mas natural de Samos, posterior a Mimnermo, mas de seu tempo.

Mimnermo é poeta hedonista, mas a filiação espiritual de Semônides continua discutível. Roque Spencer Maciel de Barros, aderindo à interpretação que o associa à postura de Mimnermo, recompôs os últimos versos da elegia, tão controversos, neste sentido.

Nestas condições, pode ver-se que o estado espiritual de ambos os poetas se afinam: o homem, ser efêmero, mostra-se mui frágil na ignorância de sua própria condição; ilude-se com a força da juventude, que é "breve chama", e, alimentando-se de esperanças vazias, esquece-se de que o espreitam a doença, a velhice e a morte. Diante do peso desta miserável condição, os poetas sentenciam: aceitar a circunstância que somos, a morte que a integra, mas gozar plenamente a juventude e o que de melhor ela oferece: os prazeres de Afrodite, pois fora deles não há vida.

Mimnermo e Semônides mostram-se muito distantes da postura apolínea de um Sólon, o estadista ateniense. Para Sólon há, em cada etapa da vida, um valor intrínseco, intransferível, a ser cultivado na busca da autêntica sabedoria. De qualquer forma, por estas recriações, chamamos a atenção para a sensibilidade poética grega e, também, para a sua profundidade filosófica, que fez do homem e de sua condição tema sempre presente e atual da cultura. E que tema, para o homem, pode ser maior e mais interessante do que ele próprio, na linguagem helênica, ser de um dia e, como tal, nunca senhor do amanhã?

## ELEGIAS DE MIMNERMO — A NANNO

### I

Como haverá bonança ou mesmo vida,  
na ausência irreparável da áurea Cypris?  
Quero morrer naquele dia exato,  
na morte, para mim, de teus prazeres:

abraços, dons sensuais, sonhos de amor.  
Oh! tão-somente a flor da juventude  
cobiçam, juntos, homens e mulheres.  
Mas chega, enfim, inevitável sempre,

carregada de males a velhice.  
E os homens a um só tempo se transformam:  
feios, maus, de tormentos a alma cheia.

Raios de sol não beijam sua vista,  
fogem deles mulheres e crianças.  
Que carga, Deus, puseste na velhice!

II

Por breve e fugitivo instante, apenas,  
somos folhas da rósea primavera.  
Elas crescem ao sol, despreocupadas,  
nós, bebemos do mel da juventude,

virginais ambos, como quer o Deus,  
que do bem e do mal esconde a origem.  
Logo surgem, contudo, as feias Queres,  
prenunciando velhice e mesmo morte.

Um dia apenas dura a juventude,  
efêmera como um clarão do sol.  
E então mais vale a morte do que a vida,  
pois os males desabam sobre nós:  
estéreis, arruinados, na pobreza,  
doentes, aflitos, Zeus a todos chama.

ELEGIA DE SEMÔNIDES

O mais belo que disse o homem de Quios —  
“Os homens passam como as folhas caem” —  
poucos mortais, de fato, o compreenderam,  
abrigoando no peito vãs esperas.

Enquanto a flor da juventude dura,  
o homem projeta, cego, o irrealizável:  
são, desconhece a negra enfermidade  
nem suspeita da morte ou da velhice.

São ingênuos, de espírito ligeiro,  
não sabem o que dura a juventude,  
breve chama na vida dos mortais.

Mas tu, que és sabedor destas verdades,  
morde o fruto que a vida te oferece,  
desfruta enquanto podes da existência.